

ENSINO DE HISTÓRIA NO SEMIÁRIDO: PERCEPÇÕES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE OS SABERES CAMPESES LAGOA-SEQUENCE E O CONTEÚDO APLICADO EM SALA DE AULA

Autor: Alex Pereira da Silva

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: aleks1928@hotmail.com

Co-autor: Ramon de Souza Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: Ramonsouza65@gmail.com

Orientador (a): Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: cristina-aragao21@hotmail.com

Resumo

O ensino de história vem assumindo uma caracterização relativamente nova se confrontada com a história deste saber e a pedagogia do próprio. Em um primeiro momento, existiu um discurso que tinha como intenção a suplantação das diferenças criando-se, assim, condições para uma coesão social mais ampla, principalmente com a emergência dos estados nacionais novecentistas. A partir dos impactos das duas grandes guerras mundiais e a fomentação de um niilismo no ensino de história exaltador das nações, as mudanças começaram a ganhar corpo. Com os movimentos culturais de 1968 as diferenças passaram a ser mais insurgentes e seus impactos foram fundamentais para a implementação de novas discussões para o saber histórico que posteriormente alcançaram a esfera escolar. Neste sentido, o ensino de história, passou a buscar integrar as diferenças, todavia, algumas lacunas discursivas ainda são perenes. Mediante isto, este artigo, busca problematizar a relação dos discursos históricos disseminados na sala de aula, juntamente, aos saberes que se constroem no campo a partir de um estudo de caso. Desta forma, basear-nos-emos teoricamente em autores como Pacheco (2010); Caimi (2015); Certeau (2008, 2012), que fundamentaram nossa noção de ensino de história e cultura, assim como, outros nomes que contribuíram pontualmente com nossa discussão. Metodologicamente, fomos guiados por um exercício de revisão bibliográfica, acompanhado de um estudo na escola Estadual Francisca Martiniano da Rocha (Lagoa Seca/PB), juntamente, a uma comunidade denominada de Alvinho. Diante disto, buscamos tecer uma análise acerca desta temática que carece de contribuições em diversas esferas.

Palavras-chave: Ensino de história. Saberes do campo. Identidades. Diversidade. Inclusão.

HISTOIRE DANS L'ENSEIGNEMENT SEMI-ARIDE: PERCEPTIONS SUR LA RELATION ENTRE LES CONNAISSANCES PAYSANS POND-SEQUENCE ET CONTENU UTILISÉ DANS CLASSROOM

Rèsumè

L'enseignement de l'histoire suppose relativement nouvelle caractérisation est confronté à l'histoire de la connaissance et de la pédagogie elle-même. Au début, il y avait un discours qui devait supplanter les différences en créant ainsi les conditions pour une cohésion sociale plus large, en particulier avec l'émergence des Etats-nations du XIXe siècle. De l'impact des deux guerres mondiales et la promotion d'un nihilisme dans l'enseignement exaltant histoire des nations, les changements ont commencé à prendre forme. Avec les mouvements culturels 1968 les différences sont devenues plus d'insurgés et de leurs impacts étaient fondamentales pour la mise en œuvre de nouvelles discussions pour la connaissance historique qui a atteint plus tard, le niveau de l'école. En ce sens, l'enseignement de l'histoire, a commencé à chercher à intégrer les différences, cependant, certaines lacunes discursives sont encore vivaces. En cela, cet article cherche à remettre en question la relation de discours historiques disséminés dans la salle de classe ensemble, sachant que la construction sur le terrain à partir d'une étude de cas. Ainsi, nous nous appuyons sur les auteurs théoriquement et Pacheco (2010); Caimi (2015); Certeau (2008, 2012), qui a soutenu notre notion de l'histoire et de la culture d'enseignement, ainsi que d'autres noms que, parfois, ont contribué à notre discussion. Méthodologiquement, nous avons été guidés par un exercice de revue de la littérature, suivie d'une étude à l'École Francisca Martiniano da Rocha (Lagoa Seca / PB) ensemble, une communauté appelée Alvinho. Compte tenu de cela, nous cherchons à tisser une analyse de ce sujet qui manque de contributions dans divers domaines.

Mots-clés: Enseignement de l'histoire. Connaissance du domaine. Identités. Diversité. Inclusion

Introdução

A busca pela integração das diferenças socioculturais que circunda as, relativamente novas, pretensões do ensino de história são de sumária importância, pois os direcionamentos que se voltam para a construção de um nexos nas diferentes formas de pensar-saber-viver tornam-se possíveis apenas mediante o reconhecimento das respectivas multiplicidades. Perante esta breve, mas contundente caracterização enunciativa que permeia o ensino de história, enfatizamos a relação do próprio com a noção de existência dual que se encontra enraizada no pertencimento daqueles que ocupam o campo, diferenciando-os das bases existenciais dos centros urbanos. Partindo deste pressuposto, esta breve análise buscará problematizar a relação de pertencimento dos alunos camponeses mediante um discurso historiográfico hegemonicamente urbano. A partir dos resultados de uma pesquisa de

iniciação científica - cota 2015-2016 - colhemos os referentes resultados que fundamentaram a alusiva análise.

Desta forma, estabelecemos como o lócus de nossa pesquisa a escola estadual de educação fundamental e médio Francisca Martiniano da Rocha, mais precisamente situada na e zona urbana do município de Lagoa Seca (PB). Neste sentido, erigimos como temática fundante para a nossa análise a relação de pertencimento do corpo discente que habita na zona rural – comunidade do Alvinho (situada no mesmo município) – e que se encontram na condição de estudantes do ensino médio. Perante as diversas temáticas que foram abordadas para a instrumentalização da nossa análise, buscamos interpelar sobre um assunto que atravessa a fundamental função do ensino de história: a consolidação de uma consciência histórica, assim, enfatizando a proposição de uma história local, principalmente, voltada para um enfoque camponês lagoa-sequence que está inserida na região do semiárido paraibano e que, historicamente, sofre em detrimento das variações pluviométricas, por consequência, acreditamos que o ensino de história além de fomentar condições de consolidação das identidades camponesas, também, formataria uma consciência ambiental que discorreremos em um tópico subsequente.

A partir do exposto, basear-nos-emos teoricamente em autores que trabalham a referente proposição temática que circunda o ensino de história e suas nuances, salientando as conjecturas epistemológicas de autores como Pacheco (2010); Caimi (2015); além destas duas referências acerca da temática partiremos da explanação conceitual de cultura mediante as contribuições de Certeau (2008, 2012); assim como, as peculiaridades do rural perante os estudos da sociologia para esta finalidade. Mais do que um levantamento teórico a partir dos autores apontados, utilizar-nos-emos outras bases secundárias que pontualmente fornecerão às chaves interpretativas para a referente problemática.

Mediante uma abordagem de caráter qualitativo, fomos guiados metodologicamente pela história oral que instrumentalizou a referente problemática e possibilitou a construção de notáveis resultados ao final da pesquisa, salientado o espaço de um ano, como é requerido pelo programa institucional de iniciação científica. Apesar de se constituir na metodologia citada, em um primeiro momento foi executado um levantamento bibliográfico acerca da temática, assim como, também foram revisadas bases teóricas para subsidiar ferramentas interpretativas para a atinente análise. Neste sentido, podemos apontar dois fundamentais e consonantes momentos para o exercício e a conclusão da alusiva pesquisa: revisão das antigas abordagens e produção de novas fontes.

A partir dos aspectos apresentados, buscaremos sistematizar nossa análise acerca da alusiva temática organizando nossa abordagem em três momentos, respectivamente: discorreremos sobre o caminhar da pesquisa em busca de contextualizar de forma mais aprofundada as nossas pretensões, assim como, associando-as a uma contextualização da temática pretendida; em um segundo momento, explanaremos sobre as problemáticas que foram levantadas mediante acerca da viabilidade de um ensino de história integrador, juntamente, à necessária pertença camponesa, que foi construída a partir do caso analisado; e, para culminar com esta breve análise, iremos expor algumas das conclusões formadas acerca da atinente pesquisa, como consequência, buscaremos apontar as limitações que o ensino de história apresentou na conjuntura da pesquisa, juntamente, às possibilidades de transformação do próprio saber para a caracterização identitária da comunidade analisada, assim como a fomentação das consciências históricas, sociais, culturais e ambientais. Sem mais delongas apresentamos o primeiro ponto.

1. Uma breve história da pesquisa e sua inserção no contexto atual: as pulsões e necessidades do ensino de história

O ensino de história vem assumindo uma caracterização de funcionalidade relativamente nova se confrontamo-la com a história deste saber e a pedagogia do próprio. Em um primeiro momento, podemos inferir que sua pretensão condicionava-se a partir de um discurso homogeneizador tendo como intenção a suplantação/inibição das diferenças criando-se, assim, traços que propiciassem uma coesão social mais ampla, principalmente com a emergência dos estados nacionais novecentistas. A partir dos impactos das duas grandes guerras mundiais e a fomentação de um niilismo no ensino de história fortalecedor de um ideal nacionalista, as mudanças começaram a ganhar corpo, todavia, somente com a ebulição dos movimentos culturais de 1968 as diferenças culturais passaram a ser mais aparentes e seus impactos foram fundamentais para a implementação de novas discussões para o saber histórico no meio social que posteriormente alcançou a esfera escolar.

No contexto brasileiro, estas discussões chegaram algumas décadas depois devido ao momento político que estava instaurado entre os anos de 1964 à 1985. Mais precisamente em meados da década de 1990, com a LDB de 1996, as discussões que englobavam as múltiplas diferenças que estão imersas no meio social passaram a ser problematizadas na prática pedagógica do saber e o ensino de história, entretanto, as transformações vem acontecendo a

curtos passos. Partindo deste contexto discursivo, a nossa pesquisa ganhou corpo mediante a

(83) 3322.3222
contato@conidis.com.br

temática que se direciona ao ensino de história e a noção de pertencimento que se encontra nas realidades camponesas, pois, percebemos que apesar de estar dando os primeiros passos, as discussões sobre gênero e raça já possuem um princípio de respaldo no âmbito escolar, todavia, as discussões que tramitam para a análise dos espaços de pertencimento ainda tomam um lugar de silêncio a ser desvelado.

Tomando por base as referentes condições propomos ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC) um subprojeto que buscasse averiguar tal problemática. Neste sentido, buscamos em um primeiro momento investigar bibliograficamente os discursos que circundam as realidades camponesas e as especulações tornaram-se constatações, pois, as bases que buscam fortificar uma consciência histórica nos alunos não partem, nem buscam reforçar o meio camponês que eles vivem, mas sim, negá-los por partirem de um âmbito urbano para o rural. Desta forma, a produção discursiva que se direcionava aos alunos camponeses não reconheciam-nos nesta condição por inseri-los em uma realidade estranha para estes. Esta problemática torna-se diletante em duas vias, primeiramente o lugar de emergência dos discursos que são hegemonicamente urbanos, assim, podemos enfatizar que dentre o discurso historiográfico que chega nas salas de aula “o campo se trata de uma produção semântica dos olhares urbanos, por consequência, tomam para si a condição de silêncio”. Em um segundo ponto, destacamos o que se fala sobre o campo, que, como nos esclarece a crítica de Le Febvre (1986), trata-se de uma realidade estigmatizada como comum, da repetição, do particular. Assim, o desconhecimento torna-se justificável teoricamente e como consequência o campo é explicado como uma proposição singular pejorativa, porém, carecemos de uma percepção que busque englobar suas múltiplas diferenças.

Partindo deste pressuposto, reconhecemos as diversidades que se constituem nas diversas localidades camponesas e, por conseguinte, focalizamos nossa pesquisa em uma região camponesa inserida no município de Lagoa Seca (PB). Sua escolha foi justificada por ser uma comunidade de grande porte, para os padrões do município destacado, assim como, o contingente do corpo discente que estuda na instituição escolar analisada ser substancialmente presente. Desta forma, cabe-se salientarmos que não se trata de uma comunidade puramente camponesa, pois, há uma parte deste lugarejo que possui uma caracterização estética de caráter urbano (estradas calçadas, redes de saneamento básico) e seus habitantes se direcionam a cidade de Campina Grande para trabalhar; entretanto, nosso enfoque se fundamentou nos alunos que se apresentaram como possuidores de famílias inseridas no contexto produtivo da agricultura familiar e, por consequência, possuem um ritmo da vida e do tempo notavelmente

diferentes daqueles explanados que são explanados na sala de aula.

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

O passo seguinte foi a implementação de alguns questionários para a criação de uma projeção acerca da relação dos alunos escolhidos com o conteúdo histórico formalmente proposto no currículo e, também, para um possível selecionamento para entrevistas. Acompanhado a este movimento, foi realizado um estudo mais localizado da comunidade de onde os alunos vivenciam e foi recolhido uma notável riqueza de narrativas (causos, histórias familiares, lendas, memórias), formas de saber, assim como, outros tipos de informações que são imprescindíveis ao ensino de história e sua pretensão de englobar as diferenças que coabitam em diferentes espaços e, como consequência, enfatizam condições para a consolidação de uma consciência histórica. Posteriormente às aplicações dos questionários vieram a aplicação das entrevistas que passaram a ratificar as hipóteses que foram especuladas em um período que antecedeu a pesquisa.

O reconhecimento quase inexistente propiciado pelo conhecimento histórico foi uma constante que passou a disseminar um notável mal-estar à aqueles que enxergam no ensino de história uma possibilidade de emancipação subjetiva, comunal, intelectual, humana... neste sentido podemos abrir espaço para as problemáticas que foram abordadas nas pesquisas para apontar indícios que demonstram a improdutividade do ensino de história quando este é assumido sem conexão com a região vivenciada pelos alunos.

2. As noções problematizadas e as impressões construídas acerca do ensino de história: as conclusões de uma pesquisa.

Como já foi exposto nos primeiros pontos da pesquisa, buscamos expor os resultados mais imediatos da própria. Primeiramente, salientamos que foi bastante dificultoso o exercício de entrevista para com os discentes, talvez, por motivos lacunares em suas formações a partir do ensino de história, pois, em grande medida, eles não conseguiam elaborar muito bem suas respostas acerca de seus envolvimento com este saber. Somente uma ideia tanto nos questionários quanto nas entrevistas assumiam contornos de unanimidade, para eles, história era sinônimo de passado. Sempre o distante e por vezes até interessante, mas, nenhum mencionou qualquer tipo de ponte com sua existência (ou afirmação social-subjetiva) juntamente ao saber histórico disseminado na sala de aula. A afirmação de alguns que desejavam “aprender” o conteúdo historiográfico apontava para um destino em comum: o Enem, que despontava como a busca fundamental dos alunos entrevistados para o ingresso no ensino superior.

Questionada sobre a relação com o saber histórico, uma aluna disse, “história é o passado”, que aconteceu na Europa: França, Alemanha, Inglaterra, Itália... enfim (...) e contato@conidis.com.br

quando falamos de história no Brasil só lembro da República café-com-leite, Vargas, e ditadura militar. As coisas que aconteceram no sul” (ARAÚJO, 2016). Desta forma, pelo exposto da aluna, além do impasse entre a distribuição geográficas das discussões acerca do conteúdo em sala de aula salienta-se, também, a ênfase no passado “distante como realmente distante” que deveria ser mais aproximada da realidade deles, todavia, através das lacunas no ensino de história apresentadas até o presente momento, concordamos, que as possibilidades de ações docentes são castradas devido a incompatibilidade estrutural que lhe são fornecidas.

Mas, o que mais se poderia esperar? Nada mais coerente pela minúscula carga horária na escola analisada para o ensino de história, juntamente, com as ferramentas didático pedagógicas que ratificam a colonização historiográfica promovida do sudeste para o nordeste. Mais do que isto colonização urbana do sudeste. Mediante isto, a professora, entrevistada enfatizou a importância de trabalhar a história local, todavia, quando atentamos para história local tendemos a generalizar esta suposição, pois, história local convencionalmente se trata de história da Paraíba, polarizada em Campina Grande, João Pessoa e outros centros que se destacaram pela produção de bens consumíveis. Desta forma, mesmo que abordando sobre Lagoa Seca, o eixo de abordagem deriva sempre de uma matriz urbana, assim, não compreendendo as grandes especificidades que compõem o município de Lagoa Seca e que são componentes da maioria do corpo discente. Enfatizamos a necessidade do professor trabalhar na instituição mencionada as diversas comunidades que circundam a zona urbana deste município, comunidades rurais como Amaragi, Cumbe, Oití, Campinote (também conhecido como distrito são Pedro), Floriano, Alvinho (o centro de pertencimento dos discentes da nossa pesquisa) ... dentre outras localidades campestres. Assim, o aprendizado em história tornar-se-ia mais frutífero, pois, mediante a possível ligação entre centros de captação do saber, assim como, espaços de pertencimento debatidos na aula de história, inevitavelmente, a relação dos discentes com o conhecimento histórico assumiria novos contornos.

Apesar das diversas mudanças constituídas no saber histórico científico, verificamos, um ensino de história ainda centralizado e estereotipado em pressupostos de um remoto e intocado passado, onde, os alunos em nada se reconhecem e, por conseguinte, a potencialidade crítica deste saber fica resguardada a malevolência de um sistema político que prega pelo desconhecimento popular em prol da manutenção de uma realidade opressora.

As tristes e insólitas colocações dos alunos selecionados nas entrevistas podem ser particulares, mas, acreditamos, que seja uma regra convencionalmente bem quista no sistema educacional brasileiro, presando por um ensino que constitua não um cidadão autônomo

intelectual e politicamente, mas, reproduzidor de discursos que, convencionalmente, privilegiam uma determinada classe social, em detrimento, de um ensino que postula possíveis indagações discentes como propensão de ratificações de verdades desejadas. Diante disto, apontamos, para alguns aspectos que percebemos como barreiras para os discentes enxergarem-se como protagonistas da história e interligarem as narrativas históricas ao fio prático-discursivo que delinea cada singular existência.

Como consequência destas conclusões, percebemos que existe uma espécie de disputa invisível entre capitais a partir da fomentação dos discursos, salientando a predisposição mais ativa dos centros urbanos que, como nos esclarece Certeau (2008), *tornaram-se depois do século XII* balizas ou marco totalizadores e quase mítico para estratégias socioeconômicas e políticas (2008, p. 174. *Grifos nossos*). Neste sentido, em grande medida, os alunos passaram a conhecer o discurso histórico dissociando-o deles próprios pois em nada foi exposto acerca da condição existencial deles nas aulas, assim, o discurso histórico em vez de englobar as diferenças acaba castrando-as reproduzindo uma *violência simbólica* que historicamente vem sendo tecida através da dualidade campo *versus* cidade.

Historiografia aparentou ser, segundo as entrevistas, algo comparável a história meramente literárias/fictícias. Como consequência, avaliamos a improdutividade na função sociopolítica do ensino de história, assim como, a formação frutífera de condições para a reprodução de um discurso que estigmatiza as zonas rurais como espaços homogêneos. Desta forma se encontra inibida a função primária do professor em uma sala de aula: a formação de um cidadão-jovem consciente das condições que o circundam, assim como, sábio de suas proposições existenciais. Neste sentido, voltamos a apresentação de nosso último ponto, onde buscaremos apresentar algumas possibilidades do ensino de história a partir do caso analisado.

3. Visões para uma transformação do ensino de história: possibilidades em diferentes vias de interpretação/ação

Diante dos aspectos que foram tolhidos acerca da relação entre o ensino de história e a realidade vivenciada pelo corpo discente, mais precisamente, problematizando a relação de dominação da cidade para o campo; advogamos para uma transformação na metodologia de abordagem, juntamente, ao teor do conteúdo que circunda a prática pedagógica deste saber.

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

Através de uma breve mais localizada revisão bibliográfica, percebemos o quão se torna aparente o epicentro discursivo que erige os centros urbanos como espaço de saber-poder legitimamente sobreposto ao campo. Todavia, apesar desta problemática constatação, acreditamos na possível transformação que pode existir na proposição discursiva que está inserida nos entornos do discurso histórico e sua verdadeiramente frutífera potencialidade de transformar as percepções daqueles que assumem a condição de interlocutores do discurso histórico.

A partir de uma despolarização tão acentuada que, parafraseando Certeau (2012), reproduz uma espécie de beleza bucólica por estar se circunscrevendo em um espaço daquilo que necessariamente deve ser encoberto pelas benéficas da evolução técnico-científica urbana; o aluno poderia perceber-se como interventor da história e, por conseguinte, transformar as condições que lhe são inóspitas historicamente, assim como, a si próprio. Neste sentido, advogamos que com esta transformação poder-se-ia construir-se na formação do alunado um processo de conscientização histórico que apontaria para diversas transformações. Primeiramente uma ênfase em uma consciência histórica que englobaria um auto-reconhecimento do ser, juntamente, ao processo que teceu o próprio. Todavia, não apenas este aspecto mais individualizado, mas também, aspectos que até então não são discutidos de forma sistemática no ensino de história. Neste sentido, apontamos para uma potencial transformação do conhecimento histórico na fomentação de uma conscientização em diversas esferas, pois, historicamente, a região de Lagoa Seca possui inconstantes períodos de chuvas, que, inclusive já nomeou o próprio município (IPUARANA: ipu = lagoa; arana = seca), assim, a temática que está diretamente ligada ao processo de formação ativa dos discentes que participaram da pesquisa possui um fio histórico que deve ser estimulado pelo professor, principalmente, devido aos últimos quatro anos de insólitas chuvas que prejudicaram em demasiado a produção da agricultura familiar nos arredores da comunidade pesquisada.

Mediante a temática das chuvas, o professor de história, poderia lastrear um processo de conscientização ambiental nestes alunos, assim como, também com relação ao desmatamento que se trata de uma prática recorrente dos agricultores. Neste sentido, esta produção poderia ser evocada pelo professor de história em consonância com outros saberes, tolhendo condições para a criação do respeito dos alunos para com o meio social e ambiental que eles ocupam, mais do que isto, a ligação de uma história de caráter global com o local trata-se de uma responsabilidade necessária do professor/historiador, pois com isso o aluno passaria a conceber uma nova proposição acerca de sua real condição de pertencimento (83) 3322-3222 que ele está imerso. Desta forma, percebemos uma potencial riqueza de contato@conidis.com.br

transformação a partir do ensino de história, todavia, desde que exista uma ligação com o espaço de pertencimento dos alunos, assim, promovendo-se um auto reconhecimento destes como protagonistas da história.

Considerações Finais

A partir da pesquisa que fundamentou a referente análise, interpelamos acerca da necessidade de reformulação do ensino de história, principalmente, no que tange a percepção das diferenças que coabitam nos espaços campestres. Enfatizamos a transformação para englobar as diferenças em diversas esferas, principalmente, acerca da necessidade de desconstruir o discurso que designa uma condição quase a-histórica aos espaços campestres, seguindo um aforismo construído por um pensamento de caráter notavelmente urbano. Neste sentido, a necessidade de construir um ensino de história que busque tecer uma integração entre as diferenças torna-se bastante complexo, pois, carece de uma ação de pesquisador do locutor do discurso histórico, pois, no caso analisado, a riqueza de aspectos que fundamentam a identidade do Alvinho (onde os alunos que foram entrevistados são residentes) possui uma notável complexidade e caso o professor não a conheça sua função de integração na sala de aula tornar-se-ia bastante comprometida.

Diante do exposto, enfatizamos a necessidade de mais pesquisas na área para otimizar a possibilidade de integração das diferenças no ensino de história. Deste modo, salientamos que não apenas neste eixo as pesquisas devem apresentar maiores esforços para sanar tais lacunas, mas, também nas outras temáticas que também são de responsabilidade do discurso histórico (como gênero e questões étnico-raciais). Dito isto, apresentamos nossa pequena e pontual contribuição a temática que em nada está concluída, mas, apenas apresenta seus primeiros necessários passos para a transformação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Natália. **Entrevista Concedida**. Lagoa Seca, 20/03/2016.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para a economia dos bens simbólicos**. Tradução de Guilherme J. de Freitas Teixeira e Maria da Graça Jacintho Setton. – 3. ed. 3. reimpr. - Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.



CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber um professor de história?**; In: __. História & Ensino, v. 21, n. 2, jul./dez. 2015, pp. 105-124.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1 - Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. – Petrópolis RJ, editora vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobrânszky. – 7. ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEAL, Luciélío A., **Entrevista concedida**. Lagoa Seca, 10/04/2016.

LEFEBVRE, Henri. Perspectivas da sociologia rural. In: __. **Introdução crítica a sociologia rural**; MARTINS, José de Sousa (Org.). – São Paulo: HUCITEC, 1986, pp. 163-177.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Os saberes da história: elementos para um currículo escolar contemporâneo**. In: __. Antíteses, Vol. 3, n.6, jul. - dez. de 2010, pp. 759-776. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>. Acessado em 10/04/2016.

SILVA, Alex Pereira da. **Entre o currículo e a “cultura”: a função paradoxal da docência nas ciências humanas**. In: __. Anais do CINTEDI: Vol. 1, nº 1, ISSN 2359 – 2915, 2014. Disponível em: <editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/modalidade_1datahora_01_11_2014_12_34_47_indinscrito_159_71560d8b22782bd686a06ec7b101dcdb.pdf>. Acessado às 15 horas do dia 15/05/16.

SILVA, Aline Gonçalves. **Práticas do Ensino de História: Escutar, Analisar e Aprender**. Dissertação de Mestrado- Mestrado em Educação, UNIVÁS, Pouso Alegre, 2015.

